

O USO DA CULTURA COMO ÂNCORA PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO CATALÃO: estudo de caso dos museus MACBA e BLAU em Barcelona.

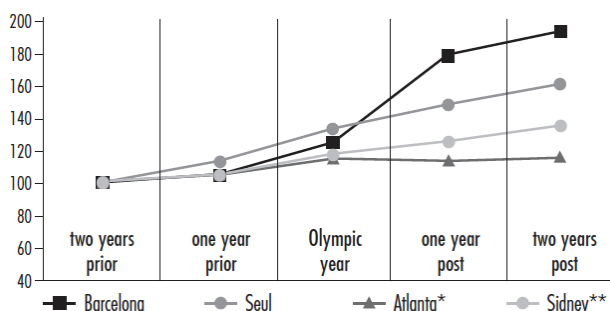
Geise Brizotti Pasquotto

Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, Universidade de São Paulo – USP

geisebp@gmail.com

1. Introdução

O seguimento que mais cresce na cidade, segundo dados da prefeitura de Barcelona, é o turismo de lazer. Em doze anos as chegadas de turistas subiram 437, 8%, passando de 697.291 turistas em 1993 para 2.750.000 em 2012 (BCNTurismo, 2013, *online*). Barcelona também se tornou referência no turismo de negócios e em organização de feiras e congressos, fazendo com que este tipo de turismo crescesse 95% (BCNTurismo, 2013, *online*). Abaixo observa-se como a administração foi bem sucedida em relação a quantidade de visitantes internacionais, principalmente depois dos Jogos Olímpicos (Figura 01). Esses dados são importantes para observar como o planejamento estratégico possui eixos de ação ligados na divulgação mundial e turismo, pois segundo o vice-presidente de Turismo Jordi Clós, este setor, além de ser um motor de iniciativas empresariais, atualmente trabalha como “salva-vidas” sobre a economia atual (BCNTurismo, 2013, *online*).



* International visitors to the state of Georgia, Therefore growth might be understated.

** forecast extrapolated from national estimates, therefore growth likely to be understated.

Figura 01 – Crescimento do número de visitantes internacionais pré, durante e pós Jogos Olímpicos.
 Fonte: Jones Lang LaSalle Hotels; Respective Tourist Bureaux apud CASINOS, Xavier L'operció Fòrum, entre el 92 i La Sagrera Coleção Model Barcelona/ Quaderns de Gestió 20 Barcelona: Aula Barcelona, 2006. p. 18

Para Montaner e Muxi (2002, p.263-264), o planejamento na década de 1980 realizado por Joan Busquets era “transparente e claro, unitário e coerente”, porém, Oriol

Bohigas, idealizador da transformação urbana barcelonesa, já denunciava em 1988, ao contrário de Montaner e Muxi, que as primeiras chamadas de arquitetos para a década de 1980 eram “atitudes provincianas ou um gesto demasiado grosseiro na tendência de ver a cultura como um mero tema de exibição cênica”, buscando trazer “nomes e acontecimentos mais ou menos estelares sem outro propósito além de disfarçar a falta de uma política cultural de verdade¹” (Bohigas et al, 1988 apud Moix, 2010, p. 136).

Na década de 1990 intitulada “segunda renovação”, com o planejamento encabeçado por Borja Carreras, o projeto urbano era uma espécie de “fotomontagem ou colagem” (Montaner et al, 2002, p. 264). Como relata Llàtzer Moix, a arquitetura estelar ganhou “dimensões epidêmicas” na Espanha desde 1997 com a inserção do museu *Guggenheim* em Bilbao. Porém, o gérmen deste fenômeno iniciou-se em Barcelona, na década de 80, mais precisamente em 1984 com o concurso para o Anel Olímpico de Montjuïc. Neste momento, Oriol Bohigas afirmava que a vinda de arquitetos estrangeiros “traria ar fresco, que estimularia o coletivo local” (Moix, 2010, p.135). Deste esforço inicial resultou no *Pabellón Sant Jordi* de Arata Isozaki e na remodelação do Estádio Olímpico com Vittorio Gregotti, juntamente com Correa, Milà, Buxadé e Margarit. Posteriormente a atuação dos arquitetos passaram de exceção à regra (Moix, 2010, p. 136) com obras de Álvaro Siza, Frank Gehry, Santiago Calatrava, Norman Foster; -e mais recentemente-, de Herzog & De Meuron, David Chipperfield, Dominique Perrault e Richard Rogers. Entretanto, relata Arantes (2012, p. 33) é preciso lembrar que finalizada às Olimpíadas, várias obras projetadas para Barcelona se arrastaram até pelo menos o final da década, que as dívidas da prefeitura se acumularam, e que, 2004, planejada para dar continuidade à renovação de Barcelona, nem de longe repetiu a façanha. Na atualidade, segundo Montaner e Muxi (2002, p.263-264), o planejamento dirigido por Barcelona Regional e José Antonio Acebillo trata-se de “objetos autônomos” que não se relacionam na malha urbana, um “urbanismo opaco” pois as decisões já estão pré-estabelecidas, não indo a discussão pública.

Portanto, observa-se na história dos processos de planejamento catalão dois períodos e produtos distintos. É neste contexto que o artigo foi metodologicamente dividido: dois eixos de análise, um da década de 1980 (período das Olimpíadas) e outro na década de 1990-2000 (período do Fórum das Culturas), onde edifícios culturais alinhavam tais processos. Assim, no primeiro eixo será analisado o processo de revitalização do centro da cidade, bem como a inserção do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – MACBA no

¹ BOHIGAS, Oriol & GÜELL, Xavier *Barcelona Drawings*. Barcelona: Gustavo Gili, 1988.

bairro do Raval. No segundo eixo, de intervenção mais recente, verificar-se-á os novos processos de urbanização da área de expansão da cidade onde foi inserido o Museu de Ciências intitulado também de Edifício Fórum e BLAU.

2. Intervenções e Gentrificação no Distrito da *Ciutat Vella*

Desde 1984, devido a um processo de descentralização iniciado em 1979, a cidade de Barcelona dividiu-se em dez distritos municipais, que tem autonomia e capacidade de decisão e gestão econômica. Os distritos são regidos por um conselho municipal que coordena a administração dos serviços e bem coletivos. Portanto, para que seja possível entender a inserção do MACBA no *Raval*, primeiramente é preciso entender o processo de forma mais ampla, como os antecedentes históricos e sócio-econômicos do distrito em que ele se insere: a *Ciutat Vella*.

A *Ciutat Vella* compreende todo o centro histórico com uma extensão de 4.360 km² e aglutina os bairros *Raval*, *Gótico*, *Sant Pere*, *Santa Caterina i la Ribera* e a *Barceloneta*.

O centro antigo em seus primórdios era emoldurado pelas muralhas. Posteriormente, com a queda das muralhas e a expansão da cidade no século XIX, a burguesia desloca-se para a área “moderna” projetada por Ildefons Cerdà, o *Eixample*, a fim de fugir da grande densidade populacional que só tendia a crescer neste período. Isso provocou a primeira substituição de pessoas e níveis sociais, porém a densidade populacional continuava em ritmo ascendente.

A partir do século XX, principalmente nas décadas de 1940-50, ocorreu uma nova mudança no perfil populacional, com a vinda de imigrantes de outras regiões do país. “De fato, a Catalunha era uma das regiões mais industrializadas da Espanha, e buscava fortemente populações de fora para movimentar suas fábricas” (Claver, 2006, p. 147).

Na década de 1950, a densidade populacional teve seu pico, com 250.000 habitantes, que é aproximadamente três vezes mais que atualmente. Em meados da segunda metade do século XIX, com a mudança das indústrias para áreas mais afastadas, principalmente depois de 1955, o centro começa a perder habitantes ininterruptamente. Portanto, os dados históricos mostram fases de segregação na *Ciutat Vella*, ocasionada primeiramente pela burguesia e depois pela ‘periferização’ das classes, gerando uma zona degradada, onde os investimentos tanto públicos quanto privados foram escassos.

A evolução populacional diminui sua queda na década de 80 e volta a crescer na década de 90. Um dos fatores é a imigração, porém, desta vez, pela presença de imigrantes estrangeiros.

No final dos anos setenta, a *Ciutat Vella* era essencialmente de comércio de varejo e atacadista, porém, com uma localização espacial fragmentada, dividindo-se em três zonas específicas (Claver, 2006, p. 150). A frente Norte e Via Laietana, com um comércio moderno e concentração de atividades de serviços financeiros e profissionais; A Rambla e partes do interior do Raval, Gótico e *Casc Antic*, com uma modernização desigual, porém, de estrutura tradicional e fragmentada, onde coexistem muitos hotéis e pensões; a parte oriental do Raval, com pouca atividade do ponto de vista econômico; e a Zona Central e setores Sul do Raval, Gótico e *Casc Antic*, com uma atividade econômica formal reduzida, porém com uma quantidade de atividades informais grande, proporcionalmente muito maior que no resto da cidade (Claver, 2006, p. 151).

Essa situação permanece inalterada, segundo Claver (2006, p. 148-149), até a transição política para a democratização e a eleição de prefeituras democráticas em 1979, juntamente com os “movimentos sociais urbanos”. No início dos anos 80, a situação do bairro muda devido às políticas de renovação urbana, porém, a separação entre zonas residências e comerciais se acentua ainda mais (Claver, 2006, p. 151). Em 1987 os próprios moradores do bairro, indignados pela presença maciça de bares com prostituição na região, lançaram uma campanha de protesto, “invocando o argumento da proximidade dos jogos olímpicos, e reclamando mais investimentos para o bairro (Claver, 2006, p. 149).

2.1 Políticas e Planos Urbanos para a *Ciutat Vella*

A área central de Barcelona só ficou conhecida como *Ciutat Vella* depois que a ‘moderna’ cidade foi pensada. O Plano Cerdà foi elaborado para a nova área de expansão da cidade, porém, influenciou toda a Barcelona. No plano previa-se abrir ruas no centro, que iriam compor o novo traçado urbano pensado por Cerdà, mas essas modificações não foram realizadas. Enquanto a área central não se moldou aos novos planos modernos, outras partes da cidade se alteraram, tornando-se obsoleta e esquecida.

Entretanto, surgem outros planos para a região central com o intuito de fazê-la acompanhar o processo de urbanização que a cidade estava sofrendo. Alguns planos não obtiveram êxito, porém, o estudo faz-se necessário para entender as análises teóricas que

estavam sendo pensadas na época, para que a compreensão das ações concretas seja entendida de uma maneira mais embasada.

Em 1934, uma série de propostas novas para a *Ciutat Vella* foram elaboradas por um grupo chamado GATCPACO (grupo de arquitetos e técnicos catalães para o progresso da arquitetura contemporânea). Este grupo formou-se em 1930 tendo como principais membros o arquiteto e urbanista catalão Josep Lluís Sert e outros arquitetos espanhóis que promoviam a arquitetura vanguardista, racional e funcionalista. Como Sert conhecia as obras de Le Corbusier e tinha-o encontrado em 1928 quando este visitou Barcelona, o chamou para realizar um ambicioso plano de reforma urbana, intitulado Plano Macià. Le Corbusier aceitou e chamou-o de a “Nova Barcelona”. Desta forma, o plano, que foi uma revisão do Plano Cerdà adotou modelos teóricos modernistas, como os eixos viários e as superquadras.

O plano desenvolveu-se a partir de uma grande via como espinha dorsal e de uma ordenação linear paralela ao mar com a destruição de parte do *Port Vell*. Também propunha a reorganização dos quarteirões de Cerdà em um módulo 3 vezes maior, de 400x400m separando a circulação de veículos da circulação de pedestres. Os blocos são lineares em forma de grelha dentada. Deste plano foram realizadas algumas operações pontuais, não alterando de forma significativa o tecido urbano.

A partir da década de 70 existe uma reflexão sobre os métodos de intervenção urbano e sociais e a prefeitura se compromete a revitalizar a área central. Surge assim o Plano Geral Metropolitano - PGM76A. Na década de 80, com a situação de degradação do centro é alterada, pois as políticas do governo local foram orientadas, segundo Claver (2006, p. 151) em três postulados: o distrito foi declarado Área de Reforma Integral (incluindo os domínios da proteção social e da segurança cidadã da promoção de atividades econômicas), repartição espacial e aplicação do Plano de Uso dos Estabelecimentos Públicos e a criação da Procivesa.

Segundo Zapatel (2011, p. 23) “os Planos Especiais de Reforma Interior são planos setoriais para a organização da forma física do território”. É realizado um estudo da problemática local e desenvolvido projetos específicos de pequeno porte com recursos públicos, como é o caso da Praça Real no bairro Gótico (Figura 02).



Figura 02 – Praça Real.
Fonte: Acervo pessoal, 2013

No início, na década de 1970, foram criados para suprir demandas emergenciais, porém, a medida que os planos foram introduzidos, as ações começaram a ser pensadas também para médio e longo prazo. Foi neste período, segundo Zapatel (2011), que as associações de bairro tiveram um papel ativo na definição de uma política urbana, congregando na sistemática de elaboração dos PERI, a participação dos moradores, e de suas assessorias técnicas, de arquitetos, sociólogos e agentes comunitários. Como resultado no período de 1979-1987, o professor Zapatel (1998, *online*) relata que deteve-se a progressiva deterioração dos bairros. Porém, na *Ciutat Vella*, isso não ocorreu. Notou-se talvez com esses planos que algumas intervenções não seriam suficientes para deter um processo de degradação historicamente enraizado.

Em 1983 aprova-se o Programa de Atuações Integradas – PAI que atuavam em seis grandes linhas de atuação: i) urbanismo; ii) bem estar social e equipamentos; iii) infraestrutura e mobilidade; iv) promoção de atividades econômicas; v) segurança pública e usos do espaço público e vi) fomento da reabilitação privada.

Com o histórico conturbado da *Ciutat Vella* e como requisito para o desenvolvimento do PAI e para a obtenção de financiamento do governo da Espanha e da *Generalitat de Catalunya*, em 1985, a prefeitura de Barcelona apresenta uma proposta para declarar o distrito como área de Reabilitação Integrada, o intitulado plano ARI. Esta proposta afetaria uma área superior a 3Km², onde viviam mais de 100.000 habitantes. O programa de atuação contemplava: i) gestão do solo; ii) construção de estacionamentos; iii) construção de equipamentos, iv) promoção de moradias novas e reabilitadas; v) renovação da infraestrutura;

vi) urbanização dos espaços livres e ruas e vii) fomento da reabilitação privada. Um ano mais tarde o plano foi aprovado.

Em 1988 cria-se a Procivesa (Promoção da *Ciutat Vella* S.A.) que é uma sociedade anônima de capital misto, em sua maioria público e municipal. Foi criado como mecanismo de execução das operações de remodelação, desapropriação e infraestrutura, tendo como principal objetivo facilitar a aplicação da política de renovação, permitindo recorrer ao capital privado sem limite de endividamento. Trabalhou em cinco grandes áreas de atuação: i) urbanização; ii) Obras e reconstruções; iii) criação de moradias para relocação de inquilinos, v) Atuações de mercado e de promoção econômica; vi) Promoção e comunicação de obras.

Este sistema de gestão que facilitava as desapropriações, permitia o endividamento e, desta forma, permitia obter mais recursos para a realização das obras que de outra forma não seriam possíveis, foi tomado como modelo para outras intervenções de reabilitação como no centro histórico de Lleida.

Em 1985 o Instituto Municipal de Paisagem Urbana de Barcelona lança uma campanha para a proteção e melhoria da paisagem urbana. Essa atuação, que englobou todas as áreas da cidade, permitia o reembolso de parte do investimento do cidadão que cumprisse as ações prioritárias e os parâmetros de qualidade previamente estabelecidos pelo Instituto Técnico. Atualmente o Instituto é constituído como um órgão autônomo local que objetiva proteger, manter e reforçar os valores da paisagem urbana da cidade de Barcelona e assegurar o uso ordenado e eficiente, promovendo a participação da sociedade civil e do setor privado.

A partir do Plano ARI, em 1990 criou-se a Oficina de *Rehabilitación de Ciutat Vella*, com o objetivo principal de estimular a reabilitação privada como complemento da intervenção pública. Durante esta gestão, foram reabilitados 5.000 edifícios do distrito. Em 2002 criou-se a empresa *Foment de Ciutat Vella*, como substituta da Procivesa, já que por questões legais sua vigência era de 14 anos.

Neste processo de reabilitação do centro da cidade de Barcelona, um dos desafios foi o bairro do Raval. Em um estudo realizado pelo Departamento de Estatística da Prefeitura de Barcelona e publicado pelo *El País* (Blanchar, 2013, *online*), o distrito da *Ciutat Vella* em 2012 foi classificado como abaixo da média geral da renda familiar barcelonesa, onde o bairro Gótico foi o mais bem classificado e o *Raval* o pior (Figura 03).



Figura 03 – Renda Média Familiar do distrito de Ciutat Vella.
Fonte: El País/Prefeitura de Barcelona – modificado pela autora

O Raval, que significa arrabalde em português, faz jus ao nome que lhe foi intitulado. Ele fazia parte da área fora das muralhas que envolviam a cidade. Neste local desenvolviam-se atividades relacionadas à agricultura (hortas, plantações e matadouros), atividades eclesiásticas (conventos) e atividades de saúde, como hospícios ou casas de caridade. Com a derrubada das muralhas no século XVIII o Raval é incorporado à cidade, porém, não faz parte do plano que estava sendo realizado paralelamente neste período: o *Plan del Eixample* de Cerdà.

O projeto se abre aos espaços vazios para aí levantar a cidade moderna, repercutindo negativamente no casco antigo, pois a falta de uma planificação de reciclagem urbanística do centro histórico dissolve uma imagem de centralização em relação à cidade (Orciuoli, 1998, *online*). Durante muitos anos o bairro do Raval foi conhecido popularmente por Chino de Barcelona. Segundo Brangulí citado em publicação do Diário ABC de Madri (1931, p. 52), esta denominação foi cunhada pelo jornalista Paco Madrid em um artigo do jornal *El Escándalo*.

Nas intervenções do PERI da Cidade Velha na década de 1990, segundo Delgado (2008, *online*), destaca-se um “grande *cluster* cultural no nordeste do Raval”. Estas instalações fazem parte de uma tentativa de modificar o estrato social do bairro e modificar o perfil de moradores da região. Desta forma, foram instalados o Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona - CCBB (com a reutilização da antiga Casa de Caridade), o Centro de Estudos e Recursos Culturais – CERC, o Fomento das Artes Decorativas - FAD (no antigo Convento dels Àngels) e o icônico Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. A geração de uma nova dinâmica, protagonizada por um novo perfil de usuários e, principalmente, sua inclusão na rota turística da cidade, cumprem com o claro objetivo de

aniquilar do Raval, de uma vez por todas, o persistente e generalizado estigma de Bairro Chino (Lira, 2011, p. 287).

2.2 Museu de Arte Contemporânea de Barcelona - MACBA

O Museu de Arte Contemporânea de Barcelona surgiu com vários dilemas ligados ao seu valor arquitetônico, à importância de seu acervo e ao seu impacto na cidade.

Em 1982 a família do escultor barcelonês Julio González ofereceu para *La Generalitat de Catalunya* toda a coleção que conservavam do artista. Entretanto, a oferta foi recusada, levando a família a oferecer para a administração Valenciana, que não só aceitaram, como pensaram em um museu para acomodar o acervo, que tornou-se em 1989 o Instituto Valenciano de Arte Moderna – IVAM. Interessante verificar que apenas três anos depois, em 1985, iniciou-se um ação para a criação de um museu de arte contemporânea em Barcelona, sem um acervo pré-estabelecido (Cócola Gant, 2009, p.90).

Para tanto, criaram em 1987 a Fundação do Museu de Arte Contemporânea, grupo de empresários responsáveis pela formação de uma coleção e em 1988 criou-se o Consórcio do Museu de Arte Contemporâneo, formado pela Fundação, pela prefeitura e pela *Generalitat*, que ficariam encarregados da gestão do museu.

Neste período, em paralelo, o prefeito Pasqual Maragall convida Richard Meyer para projetar em Barcelona e lhe faz uma única pergunta: o que ele estaria interessado em projetar para a cidade? Meier respondeu que gostaria de fazer um museu (Sanchez, 2007). O arquiteto ficou surpreso com tamanha liberdade e patrocínio de ação, pois não houve registro de pauta projetual ou exigência do prefeito (Sanchez, 2007).

A área escolhida foi ao norte do Raval, onde existiam edifícios históricos mas também era uma zona conflitiva do centro histórico. Segundo Richard Meier, quando ele foi levado ao local onde construiria o museu, ele subiu no telhado de uma casa vizinha e perguntou onde estava o terreno, porque de lá não conseguia avistar nenhum local vazio, apenas as antigas naves da Casa *Caritat*. Explicaram que iriam derrubar aquelas construções velhas, fato este que Meier achou estranho, dizendo que no país dele este ato não poderia ser feito com patrimônio histórico a conservar (Solé, 1997, p. 76). Entretanto, em Barcelona também não poderia ser destruído edifícios sem um planejamento prévio e sem respeitar a história do bairro, mas foi o que aconteceu.

Foi aberto ao público em 29 de Abril de 1995, com um custo de aproximadamente 37 milhões de euros. Sua abertura também foi bastante discutida, pois nesta época o museu foi

aberto vazio e permaneceu assim por sete meses até uma exposição temporária e depois por mais dois anos. Esta falta de conteúdo dos museus é criticada por alguns autores, como Calvo Serraller (2001, p.31) onde relata que estes museus com “falta ou excesso de finalidade” deveriam chegar ao final. Em oposição a este pensamento, alguns autores consideram a falta de obras como uma nova museologia, onde a idéia de “deixá-lo vazio” seria uma possibilidade, dizendo que o fato de não ter coleção é o eixo da proposta, defendendo-o como um “anti-museu” (Hernández, 2003, p.130-133).

Richard Meier, autor do projeto, brincou com a cor branca, as claraboias de vidro e os materiais reluzentes para dar ao edifício uma sensação de grande luminosidade, porém, não utilizou em nenhum aspecto do edifício, algo que remetesse à cultura catalã (Figura 04). Enquanto as práticas arquitetônicas tidas como pós-modernas trataram de enxergar a individualidade das cidades, vincular-se à paisagem antrópica, recuperar valores culturais, comunicar-se mais diretamente com o cidadão, a ideia de arquitetura de Richard Meier se mostrou menos permeável à questão do contextualismo, físico ou cultural, pouco sensível à alusão figurativa, conservando em seu expediente as formas regulares, abstratas, marcadamente modernas, com baixa contaminação pelas circunstâncias e contingências locais.



Figura 04 – MACBA
Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Essa relação empreendedorista foi sentida por todos; o edifício recebeu ferrenhas críticas, tanto em relação à ruptura com o tecido urbano quanto em relação ao projeto. Para

Rego (2001, *online*), a arquitetura de Richard Meier não apresenta uma contextualização com o entorno.

Rego (2001, *online*), argumenta que os projetos do arquiteto americano, de certa forma “sintonizados com a experiência (revisionista) pós-moderna”, demonstra uma aplicação mundial semelhante à arquitetura funcionalista, tão combatida pelo pós-moderno, ao ser homogênea e despersonalizada. “A configuração do Museu de Arte de Barcelona bem poderia localizar-se em Madri, São Paulo ou New York. De fato, a solução tipológica do museu catalão repetiu-se no projeto da sede norte-americana da Swissair (1990-95)”.

Contudo, não é apenas este edifício na cidade que pode ser considerado como uma possível manobra de especulação imobiliária voltada ao *marketing* urbano (Medrano, 2010). No *Llevant* de Barcelona, área de expansão urbana, outro edifício cultural também apresenta tais questões, o museu BLAU na área do Fórum.

3. Estratégia De Renovação Del Llevant De Barcelona

Para discutirmos o museu BLAU e sua relação urbana, é necessário primeiramente entender em que contexto ele está inserido. A área envoltória ao objeto de estudo foi palco das recentes intervenções do planejamento urbano barcelonês.

Um plano macro triangular foi pensado ligando três operações ao norte da cidade, constituindo um pólo de renovação urbana: i) Plano *Sant Andreu-Sagrera* que objetivava a construção da nova estação intermodal da *La Sagrera*, para chegar o trem de alta velocidade. Ao mesmo tempo, a criação de 300.000m² de novos parques o distrito de *Sant Andreu* e *La Sagrera*, 660.000m² de usos terciários e 7.800 novas residências; ii) Melhorias urbanas da *Plaza de las Glòries* e seu entorno com a transformação de uma superfície de 378.19m², com 17.000m² de espaços verdes, 50% de planejamento para habitação e oito novos equipamentos públicos; iii) As infraestruturas associadas à renovação do litoral *Del Besòs*. Fazem parte desta operação o projeto Diagonal Mar, os equipamentos do Fórum Universal das Culturas 2004, o novo centro de convenções, o novo zoológico marinho, uma nova área de esportes com a criação de um novo campus universitário e juntamente a renovação do bairro de La Mina, com uma contrapartida de 95 milhões de euros destinados a inserção de 2735 novas habitações (Ajuntament de Barcelona, 2012, p. 3).

Para o presente estudo, será analisada com mais ênfase a terceira operação, pois é nela que está inserido o Edifício Fórum. Porém, antes disso, será analisado brevemente o projeto @22, pois como relata Josep Acebillo, arquiteto chefe da prefeitura de Barcelona: “a operação

Fórum está intimamente vinculada ao projeto do distrito tecnológico 22@” (Moix, 2010, p. 138).

A área do projeto 22@ localiza-se no bairro do *Poblenou*, pertencente ao distrito de *San Martín*, área com um século de apogeu industrial (1860-1960). No início da década de 1960 iniciou-se um processo de desindustrialização do bairro perdendo mais de 1.300 indústrias o que levou a desocupação dos edifícios e ao abandono da área.

Em 1986, devido aos jogos olímpicos, iniciou-se algumas intervenções, onde a área recebeu um sistema de transporte para conectar-se com a região metropolitana, recuperaram as praias para uso urbano e construíram a Vila Olímpica (bairro residencial moderno do litoral de Barcelona). Em Fevereiro de 1999 ficou pronta por completo a Avenida Diagonal, que permitiu conectar o bairro ao centro. Em Julho de 2000 foi aprovada a modificação do Plano Geral Metropolitano (MPGM) para a renovação de áreas industriais do *Poblenou*, mais conhecido como Plano 22@. Este projeto pretendia transformar duzentos hectares da “*manchester catalã*”, em um distrito inovador que oferecesse espaços modernos para a concentração estratégica de atividades intensivas em conhecimento. Segundo dados oficiais (22Barcelona, 2013, *online*), esta iniciativa é um projeto de “renovação urbana” e um “novo modelo de cidade”. O conceito foi baseado em uma tripla hélice: governo, universidade e indústria (Etzkowitz et al, 2000, p. 109-123).

Segundo Acebillo, “ao final dos anos 90 [...] vimos que o 22@ era viável; que Barcelona devia saltar de uma economia industrial para uma neoterciária e transformar por completo aquela área” (Moix, 2010, p. 139). O mecanismo inicial consistiu em dividir a área do projeto em seis zonas, cada uma com uma equipe responsável diferente. Por meio de uma taxa de ocupação e coeficiente de aproveitamento específico, a proposta era elaborar volumes diferenciados estabelecendo uma relação entre os novos extratos e os existentes. O maior coeficiente era oferecido para edifícios com atividades de pesquisa e tecnologia, além de investimentos para um plano sustentável, como a reutilização de energia sobressalentes das centrais térmicas do entorno e a concepção de espaços públicos livres para pedestres, reduzindo tráfego de automóveis. Segundo Montaner e Muxi (2002, p. 264) o projeto 22@ é uma exceção no planejamento difuso de projetos ilhados realizados na gestão de Acebillo. Ele insere-se de maneira flexível e versátil, capaz de “atuar caso por caso e adaptar-se à morfologia existente do Plano Cerdà, às pré-existências industriais e sociais. É uma intenção de oferecer resposta desde o local urbano até às supostas necessidades de modernização e atualização que exigem as tecnologias da informação e comunicação”.

3.1 Operação Fórum: da acupuntura à prótese²

A operação Fórum foi arquitetonicamente e urbanisticamente encaminhada por Josep Acebillo, portanto, um breve entendimento de suas ações e influências pode levar em uma melhor compreensão das atitudes por ele resultantes para o fórum.

Acebillo fez sua carreira na administração pública barcelonesa, primeiro com seu mentor Oriol Bohigas, depois como arquiteto chefe do prefeito Pasqual Maragall e posteriormente, do seu sucessor, prefeito Joan Clos. Ele era entusiasta de Thomas Jefferson e quando Maragall deixou a prefeitura, foi lecionar na Universidade de Yale. Lá aproximou-se de experiências americanas, como a de *Chelsea* e *Packing District*, que substituíram seu tecido industrial e de serviços por galerias de arte, atividades tecnológicas e de lazer.

Após voltar para Barcelona e recuperar seu cargo com Clos, iniciou os trabalhos na área do fórum. Influenciado pelas experiências americanas, reuniu três arquitetos de sua confiança, - Enric Miralles, Eduard Bru e Josep Lluís Mateo-, para elaborarem a área do fórum. Acebillo relatou que a escolha desde o início foi complicada, pois ele não chamou nem Oriol Bohigas (seu mentor) e nem os notáveis arquitetos e urbanistas barceloneses (Moix, 2010, p. 140).

A área era difícil, pois lá existiam depuradoras, depósitos pluviais, locais de transformações de resíduos e outros grandes equipamentos. Segundo Mateo, “Se pretendia, nem mais nem menos, fazer uma cidade sobre tudo isso, construindo um novo centro” (Moix, 2010, p. 140). As tarefas foram divididas, ficando a cargo de Mateo a zona esquerda, do palácio de convenções e do zoológico marítimo, Bru ficaria com a área direita (a universitária) e Miralles com a zona central.

Depois de terminado e aprovado o planejamento do fórum, Acebillo abre vários concursos para completar as 28 parcelas em que o projeto foi dividido. Todo o esforço culminaria em 2004 com o evento internacional “Fórum das Culturas”, que seria como um enfoque a mais para a operação e uma celebração de todo o esforço realizado para aquela área.

Segundo Arantes (2012, p. 87) no início esperava-se um resultado em 4 ou 5 anos, que seria acelerado pelas ações de 2004, porém agora é previsto algo em torno de 15 anos ou mais. “O problema maior parece estar sendo o de como equilibrar a adaptação às novas funções e o benefício imobiliário, buscado pelos investidores”.

² Subtítulo do artigo de Montaner e Muxi para o *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies* em 2002.

O Fórum da Culturas é um evento celebrado de quatro em quatro anos, com duração de três a cinco meses. Em cada edição unem-se à fundação autoridades de cada cidade, região e país que organiza o evento. O primeiro fórum das Culturas foi celebrado em Barcelona no ano de 2004, de Maio a Setembro, trazendo consigo diversas discussões em relação a um suposto “novo modelo” de Barcelona.

Em 17 de Outubro de 1996 o prefeito de Barcelona Pascual Maragall anunciou publicamente o evento, que coincidiria com o 75 aniversário da Exposição Internacional de 1929. O novo evento foi proposto para começar em 1997 com a elaboração do projeto, que seria apoiado e aprovado pela Unesco, em novembro do mesmo ano. O modelo organizacional deu-se de maneira semelhante com a dos Jogos Olímpicos de 92, onde em 18 de Maio de 1999 foi formalizado um convênio entre a prefeitura da cidade de Barcelona, o governo regional (*Generalitat de la Catalunya*) e o governo da Espanha.

Em 2002 Josep Maria Montaner e Zaida Muxi escreveram um artigo sobre o evento, intitulado “*Los modelos Barcelona: de la acupuntura à la prótesis*”. Nele o crítico catalão relata que por trás do “invólucro politicamente correto” o conteúdo do fórum apresenta uma ambiguidade e debilidade, mostrando a repetição dos moldes já realizados por outros países, da produção de ações arbitrárias e gratuitas. E complementam, notando já naquele ano, que o que prevalecia nas propostas era um “urbanismo fragmentado”, onde os objetos encontravam-se isolados, sem relação entre si e com o entorno, fato este que atualmente é notado facilmente ao andar pelas ruas da região.

Em 2004 um ensaio de Montaner e Muxi com o mesmo nome aparece na revista *Arquitectura Viva*, juntamente com outro, de Oriol Bohigas. Com o tema “*Ciudad y acontecimiento: una nueva etapa del urbanismo barcelonés*”, Bohigas mostra uma visão próxima da de Montaner e Muxi, porém, demonstra otimismo com relação ao futuro do Fórum, o qual se transformaria no novo “centro metropolitano” de Barcelona.

A crise que passa a economia espanhola mostra-se em Barcelona pela dificuldade no lançamento de edifícios ícones, algo tão divulgado como “marca” das intervenções urbanas barcelonesas. Segundo o *La Vanguardia*, jornal de alta veiculação na Espanha, “a crise está acabando com a arquitetura da grandiloquência, com o orgulho coletivo que obriga a renovar todos os cartões-postais. Agora não há dinheiro para que o país demonstre ser valor com edifícios singulares” (Benvenuty, 2011, *online*).

Um dos ícones que conseguiu “sair do papel” foi a Torre da Telefônica (Figura 05). Porém, a paisagem ao redor não é tão instigante quanto esta torre de alta tecnologia. Segundo

o jornalista Benvenuty (2011, online), os esqueletos de concreto abandonados ao redor da Torre ilustram a dificuldade que será no futuro conseguir inaugurar outros edifícios deste porte: “Passará muito tempo antes que Barcelona viva um dia igual”. Esta afirmação se concretizou, pois vários edifícios não saíram do papel, como é o caso do edifício para o campus Diagonal-Besòs da Universidade Politécnica da Catalunha (UPC), projetado pela arquiteta Zaha Hadid (Figura 06). Segundo a sala de imprensa da Faculdade Politécnica da Catalunha, a Torre Espiral queria ser um nóculo de conexão, um edifício que integrasse o tecido das duas zonas urbanas fronteiriças enfatizando suas potencialidades. E prossegue dizendo que seria a porta arquitetônica que ligaria urbanisticamente a área do Fórum, o Campus e o Distrito 22@. (*Sala De Prensa Upc, 2009, online*). Em 2008 o projeto foi aprovado e em 2009 iniciou-se as obras, juntamente com o início dos rumores da crise econômica que forçou a paralização do empreendimento.



Figura 05 – Torre da Telefônica.
Fonte: Acervo Pessoal, 2013.



Figura 06 – A dinâmica na fachada da Torre Espiral.
Fonte: Imagem de divulgação - ©ZHA Architects

Entretanto, em oposição aos projetos ícones e “ilhados”, Montaner e Muxi (2002, p. 265) destacam algumas propostas, ainda que não construídas, que poderiam dar a zona uma urdidura. Um deles é o projeto habitacional para o Plobenou de Maria Rubert de Véntos y Josep Parcerisa, que mesmo não localizando-se exatamente na área do fórum e sim em seu entorno, poderia trazer um avanço na discussão das moradias, como as experiências alemãs de Weissenhof ou IBA. Também destacam os projetos para os espaços públicos que emoldurariam a área promovendo uma conexão da cidade existente com a área do fórum. São eles o Parque Linear de La Sagrera e os parques litorais do fórum, do escritório FOA e Ábalos y Herreros.

3.2 Edifício Fórum

O Edifício Fórum, também conhecido como Museu Nacional de Ciências Naturais da Catalunha e Museu Blau é um dos recentes marcos arquitetônicos de Barcelona. Projetado pelos arquitetos suíços Herzog & De Meuron, possui forma triangular, medindo 180 metros de cada lado e 25 metros de altura. É um dos principais ícones do controverso Fórum Universal das Culturas de 2004, em um triângulo delimitado pelas Avenida Diagonal, Rambla Prim e Ronda Litoral.

Como visto anteriormente, o planejamento da área estava sendo realizado pelos três arquitetos convidados por Acebillo para a Operação Fórum. Trabalharam juntos por algumas semanas e foram definindo as áreas, as potencialidades e fragilidades e pontos de interesse. Realizaram uma maquete completa para direcionar as ações futuras, porém, ela possuía “um ponto crucial”, como dizia Acebillo:

[...] autêntico centro de gravidade da zona: uma parcela de forma triangular sobre a qual finalmente se construiu o Edifício Fórum. Era o ponto mais complicado...Naquelas reuniões todos forneciam soluções para qualquer canto do Fórum, salvo para o triângulo. Nos dava tanta dor de cabeça que acabamos denominando-o, de modo coloquial, ‘esse maldito triângulo’. Unicamente Enric Miralles se atrevia a propor idéias. Recordo-o trabalhando sobre o plano, rodeando o triângulo com seu bolígrafo e afirmando: ‘Não se preocupem, disto eu me encarregarei’ (MOIX, 2010, p. 140-141).

Ele fez alguns esboços de um edifício orgânico, como explica sua companheira e sócia Benedetta Tagliabue “era uma forma muito especial, muito experimental e por isso, arriscada [...] que se ia enrolando e criando espaços em seu interior” (MOIX, 2010, p. 137). Quando Acebillo abriu os concursos ele perguntou a Miralles sobre sua participação, porém, já enfermo, disse não sentir forças para esta atividade. Disse que não poderia ser ele que iria resolver o “maldito triângulo”.

Após a morte de Miralles em 2000, os esboços foram abandonados. Assim, para iniciar um novo projeto, foi aberto um concurso. Mateo relembra que Ignasi de Solà-Morales (membro do júri), se mostrou sempre muito partidário do projeto de Herzog & De Meuron. Também Josep Ramoneda, filósofo, periodista e membro do júri, estava inclinado com as idéias dos suíços “a lista de participantes era muito reduzida e, realmente, não havia cor entre as idéias apresentadas”. Continuando com as impressões de Mateo, outros que estavam a favor dos arquitetos estrangeiros eram Acebillo e o prefeito Clos, que possuía muito interesse em que Herzog & De Meuron edificassem em Barcelona (MOIX, 2010, p. 141).

Assim, os arquitetos suíços ganharam com uma proposta cúbica de 60 metros de aresta. Porém, tanto apoio pelo projeto foi, semanas depois da escolha, depreciado pela

comissão de qualidade da prefeitura de Barcelona, que estava revisando as 28 obras ganhadoras dos concursos da zona do Fórum. Acebillo relatou que na saída da reunião ele aproximou-se de Herzog e disse “Veja como estão as coisas. Creio que você deveria reformular sua proposta cúbica e transformar em triangular, para assim atender aos alinhamentos das ruas que confluem nesta área”(MOIX, 2010, p. 142).

Acatando a idéia de Acebillo, foi refeito o volume transformando o projeto em um triângulo. Porém, sua implantação tem um deslocamento com o alinhamento da Diagonal e Prim que muitos julgaram inadequado. Segundo Oriol Bohigas, este deslocamento na implantação “é um erro fundamental” e continua dizendo “Tudo bem que Acebillo forçou-os a usar a forma triangular, pois ali é a lógica. Mas é errado que permitissem colocar o Edifício Fórum com uma leve torção sobre seu eixo, de modo que não permite a extensão da Diagonal e Prim formando as fachadas (Figura 07). Em vez disso, esplanadas manchadas com pequenos mobiliários urbanos. Insisto: um erro” (MOIX, 2010, p. 143).



Figura 07 – Avenidas Diagonal e Prim e a bisetritz entre elas

Fonte: Elaborado pela autora/ Mapa base: google maps.

Em relação ao entorno, Mateo, que projetou o edifício vizinho (Centros de Convenções Internacionais de Barcelona), lamenta-se por ter tentado, sem êxito, entrar em conformidade com as soluções nas áreas comuns. O Edifício Fórum e o Centro de Convenções são ligados pelo subterrâneo, assim, foi projetado elementos para servirem como clarabóia na superfície. Mateo sugeriu a retirada para que não obstruíssem a visão para o mar, porém, o suíço não lhe ouviu (Figuras 08 e 09). Mateo complementa dizendo que acredita que o Edifício Fórum está ali sem atenção ao entorno (MOIX, 2010, p. 143).



Figura 08 - Edifício Fórum e as clarabóias.
Fonte: ILESH, 2007 (Wikimedia Commons).

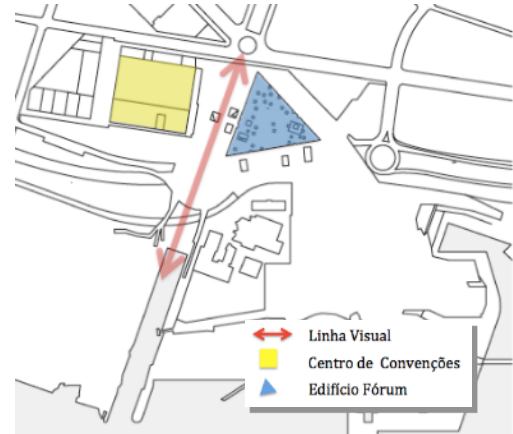


Figura 09 – Implantação do Edifício Fórum e sua relação com o Centro de Convenções
Fonte: Elaborado pela autora/ Mapa base: Euro Inox 2005.

Esta área é um acrívo, o que pode ter sido a razão do descaso dos suíços em relação a opinião de Mateo. Entretanto, foram inseridas árvores dispostas em grelhas, o que fez com que as clarabóias ficassem menos em evidência, pois elas já seriam um obstáculo visual (Figura 42).

O Edifício possui três níveis distintos: i) o subterrâneo, com um auditório e foyer; ii) a superfície, onde situa-se uma praça seca coberta pelo edifício triangular e iii) o volume preponderante, onde atualmente está inserido o Museu Nacional de Ciências Naturais da Catalunha. No subsolo, o auditório comporta 3.200 lugares. O foyer possui um túnel de 20m que interliga o edifício ao Centro de Convenções de Mateo, como visto anteriormente.

Em 2004 o edifício foi construído para celebrar o evento e ser um ícone arquitetônico. A partir do outono de 2005 abrigou um museu sobre o futuro da cidade de Barcelona e do desenvolvimento sustentável. Em 27 de Março de 2011 foi inaugurado como museu Blau de Ciências Naturais.

Durante a celebração do evento em 2004, teve que ser fechado ao público durante alguns dias por deslizamentos de material à prova de fogo que cobriam o telhado do prédio e, em seguida, por problemas de infiltração de água. Segundo TREMLETT (2004, *online*) do The Guardian, reparos de emergência foram realizados após o telhado de uma parte da exposição ter caído e os políticos da oposição aproveitaram o problema para falarem de "improvisação de última hora" e "trabalhos mal feitos".

Muitos arquitetos qualificam o Edifício Fórum como uma das piores obras de Herzog & De Meuron (MOIX, 2010, p. 144). Sua textura aparentemente hostil do concreto rústico e o brilho metálico no pavimento inferior trazem um certo estranhamento (Figura 10). Porém, ao

adentrar o museu, suas reentrâncias com aberturas remetem à uma caverna, fazendo com que o interior se integre com a temática do edifício (Figura 11).



Figura 10 – Fachada - edifício BLAU
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Figura 11 – Interior do museu
Fonte: Acervo pessoal, 2013.

4. Considerações Finais

A cultura em Barcelona está sendo utilizada como promoção urbana e desta forma, deve estar em constante inovação, para se adequar às necessidades do mercado mundial. Moix (2010, p.136) relata que “o primeiro espírito de intercâmbio internacional, de mútua fecundação transnacional, deslocou-se para a mercadotecnia da imagem e pelas apostas icônicas. A cultura pela economia”. Isto pode ser percebido nas palavras de Joan Clos quando era prefeito de Barcelona, em uma conferência no Congresso sobre Turismo Cultural: “a cultura é nosso principal recurso. Nós agora vendemos cultura, mas não se trata de incentivar a criação, e sim de criar infraestruturas culturais³” (CÓCOLA GANT, 2009, p. 93).

A inserção de ícones arquitetônicos culturais em Barcelona vem se tornando uma ferramenta constante, porém, a questão estratégica está mais presente do que a real função de levar cultura para a população. O conteúdo está cada vez mais sendo esquecido em detrimento de “embalagens” icônicas realizadas por arquitetos do “*star system*”. Segundo Cócola Gant (2009, p.93), a imagem de Barcelona, sua identidade, é por um lado cultura e por outro lado contemporânea, não importando se há um conteúdo. Ele complementa dizendo que “o importante em Barcelona é criar eventos culturais em diferentes modalidades, e se for de cultura contemporânea, melhor”.

“Os fabricantes culturais montam todo o dispositivo para criar os eventos e uma vez criados os entregam bruto para os diretores respectivos, seja de museus ou de outras instituições, os quais, com sua boa formação e intenções, farão todo o possível para que funcione de alguma maneira” (CÓCOLA GANT, 2009, p. 93).

³ Conferência realizada por Joan Clos em 26 de Maio de 2005 na inauguração do congresso sobre Turismo Cultural celebrado em *La Pedrera*.

No MACBA a inserção de um edifício para cultura veio da intenção de revitalizar a área e conseqüentemente, mudar o perfil socioeconômico do local. Porém, o edifício não se conectou com o entorno, tornando-se um ícone “alheio” em uma malha urbana consolidada. Na sua face externa, não possui nenhuma ligação estética com a área envoltória, onde o branco do museu e o ocre das construções adjacentes contrastam. Também não se complementam nem em relação a cheios e vazios, nem em partido ou volumetria que remetam uma característica catalã. Sua inserção, em uma praça seca, não atrai os visitantes a se estabelecerem na região para aproveitá-la mais e conhecerem suas características, ela apenas existe como espaço livre para enfatizar o visual do edifício. Internamente, um acervo diminuto, não chama a atenção do espectador.

O BLAU, edifício inserido em uma confluência triangular, foi um grande desafio projetual. Não foi pensado para ser um museu, e sim, para ser um ícone em primeiro lugar. Ele não possui conexão com o entorno, mas neste caso, não se torna algo tão chamativo como o MACBA, pois na região, nada se conecta. A área do fórum possui uma urbanização dispersa, onde os edifícios existem de uma maneira individualizada, fazendo com que a característica desértica da parte externa do museu complemente todo um processo urbano que ocorre na região.

[...] É um urbanismo parcial e fragmentado, feito muito mais de objetos autônomos firmados por arquitetos globais que partindo de definições e discussões urbanas, um urbanismo que autojustifica cada peça segundo questões de infra-estrutura que não podem constituir por si só um projeto urbano (MONTANER; MUXI, 2002, p. 263).

A utilização de ícones para atração de pessoas e investimentos não é condenável, porém, ele devia ser mais que um edifício esteticamente chamativo. Com um Plano Master, ele pode ser muito mais aproveitado, tanto para uma melhor integração com a sociedade, como para ajudar em um processo de revitalização do local. A inserção de um edifício cultural deve ser pensada em suas amplas vertentes: o programa interno, seu acervo, integração com a comunidade imediata, relação com o turista, impactos urbanos, estratégias com os demais edifícios do entorno, política pública cultural, estratégia urbana, entre outros.

5. Referências Bibliográficas

Ajuntament de Barcelona 2012 *El Plan 22@ Barcelona*. Un programa de transformació urbana, econòmica y social. Barcelona p. 01-54. [Online] Disponível: http://www.22barcelona.com/documentacio/Dossier22@/Dossier%2022@Castellano_p.pdf [Acesso 24 Outubro 2013].

Arantes, O. B. Fiori 2012 *Berlim e Barcelona: duas Imagens estratégicas*, São Paulo, Annablume.

BCNTurismo *Barcelona triplica en 20 años el número de turistas*. [Online] Disponível: <http://w110.bcn.cat/portal/site/Turisme/> [Acesso 24 Novembro 2013]

Benvenuty, L. 2011 Telefónica inaugura su nueva sede corporativa en Barcelona e revitaliza el Fòrum. *La Vanguardia*, Barcelona. [Online] Disponível: www.lavanguardia.com/economia/20111025/54236846191/telefonica-inaugura-su-nueva-sede-corporativa-en-barcelona-y-revitaliza-el-forum.html [Acesso 01 Novembro 2013]

Blanchar, C. C. 2013 La Barcelona Pobre. *El País*, Caderno Cataluña, Barcelona. [Online] Disponível: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2013/01/05/catalunya/1357414914_291755.html [Acesso 20 Fevereiro 2013]

Bohigas, O. 2002 Ciudad y acontecimiento: una nueva etapa del urbanismo barcelonés. *Arquitectura Viva*, Madrid, n.84.

Claver, N. 2006 Ciutat Vella de Barcelona: renovação ou gentrificação. In BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (coord.) *De Volta à Cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*, São Paulo, Annablume.

Cócola Gant, A. 2009 El MACBA y su función en la marca Barcelona Ciudad y Territorio – *Estudios Territoriales*, XLI (159).

Delgado, M 2009 La aristocratización de las políticas urbanas. En lugar de la cultura en las dinámicas de reapropiación capitalista de la ciudad. X Coloquio Internacional de Geocrítica. Universidad de Barcelona. *Scripta Nova – Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona. [Online] Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270-69.htm> [Acesso 15 Abril 2014]

Diário ABC, 1931 sem título *Revista Blanco y Negro*, Madrid.

Etzkowitz, H.; leydesdorff, L. 2000 *The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university–industry–government relations*. *Research Policy*, Amsterdam, v. 29, n. 2, p. 109–123. [Online] Disponível: [http://www.chss.uqam.ca/Portals/0/docs/sts8020/\(20\)Etzk-Leides.Triple.Helix.pdf](http://www.chss.uqam.ca/Portals/0/docs/sts8020/(20)Etzk-Leides.Triple.Helix.pdf) [Acesso 03 de Outubro 2013]

Hernández Martínez, A. 2003 Museos para no dormir: la postmodernidad y sus efectos sobre el museo como institución cultural. In: J. Lorente Lorente, Jesús-Pedro; Almazán, D. (eds.): *Museología crítica y arte contemporáneo*. Zaragoza, Pressas Universitarias de Zaragoza.

Lira, A. C. C. 2011 Contradições e Políticas de Controle no Espaço Público de Barcelona: um olhar sobre a Praça dels Àngels. *Cadernos Metròpole*, São Paulo, v/ 13, n. 25, p 279-302.

Medrano, L. 2010 Museus, cidades e arquitetura. In: Guimaraens, C. *Museografia e arquitetura de museus*. Rio de Janeiro: UFRJ-PROARQ.

Moix, L. 2010 *Arquitectura Milagrosa*. Hazañas de los arquitectos estrellas la España del Guggenheim. Barcelona, Anagrama.

Montaner, J. M. 1995 *Museus para el nuevo siglo*. Barcelona, Gili.

_____. Muxi, Z. 2002 *Los modelos Barcelona: de la acupuntura à la prótesis*. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*. n.6 , p. 263-268.

- Orciuoli, A. 1998 *O Bairro Raval de Barcelona: Estratégias políticas, econômicas e mnemônicas*. Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas, 1998. [Online] Disponível: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/viewFile/719/694> [Acesso 10 Fevereiro 2014]
- Rego, R. L. 2001 *Museu d'Art contemporani de Barcelona*, arquiteto norte-americano, estilo internacional. Vitruvius, 013.03, ano 2. [Online] Disponível: www.vitruvius.com.br [Acesso 26 Janeiro 2011]
- Sala de Prensa Upc 2009 *Se Inicia La Construcción De La Torre Espiral En El Campus Diagonal-Besós*. *Universitat Politècnica de Catalunya*. [Online] Disponível: <http://www.upc.edu/saladeprensa/al-dia/mes-noticies/2009/se-inicia-la-construccion-de-la-torre-espiral-al> [Acesso 6 Novembro 2013]
- Sanchez, F. 2007 *Cultura e renovação urbana: a cidade-mercadoria no espaço global*. In: Lima, E.F.W.; Maleque, M.R. (Org.) *Espaço e cidade: conceitos e leitura*. Rio de Janeiro, 7 letras.
- Solé, D. 1997 *De la caridad a la cultura. Nuevo eje cultural en el centro histórico de Barcelona*. In: Lorente Lorente, Jesús-Pedro (ed.): *Espacios de arte contemporáneo generadores de revitalización urbana*. Departamento de História da Arte, Universidade de Zaragoza.
- Tremlett, G. 2004 *Ceiling falls on 'cultural olympics'*. *The Guardian*, Londres. [Online] Disponível: <http://www.theguardian.com/world/2004/aug/11/spain.gilestremlett> [Acesso 10 Outubro 2013]
- Zapatel, J. A. 2011 *Barcelona: transformação urbanística (1979-1992)*. Florianópolis: Ed da UFSC.
- _____ 1998 *Gracia em Barcelona*. Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas. [Online] Disponível: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/viewFile/649/625> [Acesso 10 Fevereiro 2014]